

FURANDO AS ONDAS¹: A CONTRIBUIÇÃO DE FALANTES À MARGEM DA ESTRUTURA SOCIAL PARA A DISCUSSÃO SOBRE O SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO

PIERCING THOROUGH THE WAVES: THE CONTRIBUTION OF SPEAKERS TO THE MARGIN OF THE SOCIAL STRUCTURE FOR DISCUSSION ON THE SOCIAL MEANING OF VARIATION

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo²

RESUMO

Este trabalho aborda a questão do estudo da avaliação social da variação a partir de resultados de estudos (produção e percepção) de uma variável sociolinguística junto a adolescentes socialmente marginalizados. A abordagem adotada difere da posição teórica assumida pelo modelo de ondas (ECKERT, 2012), em que se estabelece uma visão cindida de abordagens teóricas e metodologias usadas ao longo do tempo nos estudos sociolinguísticos. Assume-se que compreender o comportamento de indivíduos que estão à margem da estrutura social exige que se observe também o lugar que esses indivíduos ocupam na hierarquia social e a quais possibilidades formativas eles tiveram acesso.

PALAVRAS-CHAVE: significado social da variação; variação estilística; identidade sociolinguística.

ABSTRACT

This paper deals with the study of the social evaluation of variation based on results of studies (production and perception) of a sociolinguistic variable with socially marginalized adolescents. The approach taken differs from the theoretical position assumed by the wave model (ECKERT, 2012), which establishes a split view of theoretical approaches and methodologies used over time in sociolinguistic studies. It is assumed that understanding the behavior of individuals who are on the fringes of the social structure requires also to observe the place these individuals occupy in the social hierarchy and to what formative possibilities they have access.

KEYWORDS: social meaning of variation; stylistic variation; sociolinguistic identity.

¹ gíria usada por surfistas para designar uma técnica em que se “enfrenta” uma onda, passando a arrebentação para chegar ao *outside* (superfície).

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Linguística e Professor do Departamento de Linguística e Filologia. Contato: malmelo.lopes@letras.ufrj.br.

Introdução

Desde a década de 1970, incontáveis trabalhos têm sido desenvolvidos no âmbito da sociolinguística variacionista no Brasil. Grande parte destes trabalhos se desenvolveu – e se desenvolve – a partir de amostras de fala de indivíduos de diferentes regiões do país. Sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro, os inúmeros estudos sociolinguísticos com dados de área urbana já realizados se baseiam em amostras de falas formadas majoritariamente por indivíduos de diferentes setores da classe média e que guardam, em maior ou menor grau, relação com as instituições responsáveis por moldar os valores linguísticos em uma determinada sociedade: as Amostras Censo 1980 e Censo 2000, do Programa de Estudos sobre Usos da Língua (PEUL/UFRJ); a Amostra NURC, do Projeto Norma Culta Urbana (UFRJ); Discurso e Gramática (UFRJ). Constituída nos anos 1970, a Amostra MOBREAL é um dos raros exemplos de amostra de fala constituída por falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro que pertenciam a classes mais populares.

Para a discussão que se propõe neste trabalho, serão apresentados os resultados para dados de produção e percepção de uma pesquisa realizada a partir de uma amostra de fala constituída por adolescentes excluídos socialmente e, portanto, afastados das instituições e espaços formativos definidos como transmissores dos padrões linguísticos de prestígio: a Amostra EJLA. A partir dos resultados trazidos para a discussão, espera-se reunir evidências para se pensar sobre diversos aspectos da relação que o indivíduo desenvolve a partir da estrutura social em que está inserido, isto é, a relação do indivíduo não só com outros indivíduos do grupo e estrato social ao qual pertence, como também com outros indivíduos de outros grupos e estratos sociais ao qual não pertence. As relações estabelecidas pelo indivíduo, por sua vez, envolvem localização na estrutura social, considerando ainda que, na sociedade brasileira, há diferentes graus de inserção social. Nesse sentido, o fato de produzirmos e avaliarmos as formas linguísticas – geralmente, relacionadas à prática de determinados grupos – em contextos particulares de uso e em situações específicas não significa que tal produção e avaliação estejam descoladas de características sociais mais amplas, as quais moldam a identidade social e sociolinguística do indivíduo. As identidades – no caso, linguísticas – não estão apartadas dos processos de formação dos sujeitos e esses processos guardam íntima relação com a hierarquia social em que nos encontramos.

O presente trabalho será conduzido da seguinte forma: na primeira seção, serão discutidos conceitos fundamentais para o debate acerca do significado social da variação; na segunda seção, a) serão caracterizados socialmente os indivíduos que constituíram Amostra EJLA, bem

como os indivíduos que participaram do teste de percepção/avaliação que será discutido; b) serão apresentados e discutidos, à luz dos pressupostos teóricos e objetivos do presente artigo, os dados de produção obtidos a partir da Amostra EJLA e de um subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000, bem como os resultados para o teste de percepção/avaliação aplicado junto a indivíduos com o mesmo perfil dos indivíduos das amostras de fala citadas anteriormente; na terceira e última seção, serão realizadas as considerações finais do presente trabalho.

1. O significado social da variação e os estudos linguísticos

Schilling-Estes (2002) sustenta que a compreensão acerca da variação linguística somente será alcançada se forem levados em consideração tanto a forma como os indivíduos internalizam os padrões linguísticos da comunidade em que estão inseridos, como a forma pela qual esses padrões são criados e recriados pelos indivíduos em suas práticas de interação diária. Além disso, em razão da grande extensão de variabilidade no comportamento dos indivíduos a depender das situações interacionais em que estes se encontrem, o estilo deveria ocupar um lugar de destaque nos estudos variacionista. De acordo com a autora, diferentes enfoques foram dados ao tratamento da variação estilística ao longo dos estudos sociolinguísticos, desde a primeira abordagem de Labov (2006 [1966]) até à visão recente do falante como agente de sua identidade social. A autora situa o falante como agente da sua identidade sociolinguística, motivo pelo qual desempenha um papel ativo na criação, apresentação e recriação de sua identidade.

Ainda na década de 1960, Labov cunhou o conceito de comunidade de fala, segundo o qual esta deveria ser definida em razão do compartilhamento de em um conjunto de normas e atitudes linguísticas pelos indivíduos de uma mesma comunidade de fala. Ainda conforme Labov, “estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008 [1972]: 150). Embora não rejeite a variabilidade do indivíduo, Labov defende que o indivíduo precisa ser compreendido dentro da estrutura social à qual pertence, uma vez que “o indivíduo é concebido como um produto de suas histórias e associações sociais” (LABOV, 2006 [1966]: 5).

O conceito de comunidade, mais tarde reforçado e ampliado por Guy (2001), conduziu à ideia segundo a qual os indivíduos não seriam autônomos em relação à comunidade de fala à

qual pertencem e, por isso, apenas replicariam os padrões linguísticos observados na comunidade de fala. Essa concepção moldou o que Eckert (2012) chamou de primeira onda de estudos sociolinguísticos. É certo que os estudos variacionistas que se seguiram aos estudos pioneiros de Labov tiveram como enfoque teórico a verificação do status da variação em uma determinada comunidade, isto é, se havia uma mudança em progresso ou se havia um processo de variação estável. Ademais, a metodologia empregada nesses estudos partia da análise de amostras de fala socialmente estratificadas (classe social, sexo e idade), uma vez que, como já dito, se entendia que a variabilidade estava encaixada na estrutura social.

Além do conceito de comunidade de fala, a noção de estilo delineada inicialmente por Labov (2006 [1966]) também caracterizaria os estudos sociolinguísticos da primeira onda: o estilo de fala era definido em função do grau de atenção que o falante dispensava à sua fala em diferentes situações interacionais, podendo a produção do falante ir de “casual” ou “natural” até altamente alterada em razão da presença do observador. Em outras palavras, as mudanças de estilo eram compreendidas em função da quantidade de atenção que as pessoas prestavam à sua própria fala enquanto conversam com outra(s) pessoa(s). Assim, em situações em que o indivíduo fala de maneira menos consciente, sua fala tenderá a ser mais casual, menos monitorada, mais próxima do *vernáculo*, ou seja, da fala mais natural que ocorre quando o falante não a monitora.

Ainda de acordo com Eckert (2012), o trabalho desenvolvido na década de 1980 por Milroy sobre redes sociais deu início a uma nova onda dos estudos linguísticos. De acordo com Mendes (2017), a segunda onda passou a entender que a variabilidade do indivíduo não era simples reflexo passivo do local que esse mesmo indivíduo ocupava na hierarquia social, mas sim expressão de identidades locais ou de grupos. Os trabalhos desenvolvidos a partir da noção de redes sociais mostraram “que o grau de relação entre indivíduos de um determinado grupo social, traduzido na noção de redes, determina o grau de manutenção do vernáculo que caracteriza aquele grupo” (GOMES, 2017). Milroy (1987) analisou a variação da fricativa interdental sonora do inglês em contexto intervocálico a partir do comportamento de falantes da classe trabalhadora de Belfast. Como base nos resultados, a autora concluiu que aqueles que tinham maior interação com falantes do mesmo grupo ou classe social – redes sociais mais densas – tendiam a conservar a forma mais usada pelo grupo (vernáculo local), diferentemente daqueles que ampliavam a sua participação em outros grupos sociais – redes sociais mais esparsas – e, por isso, tendiam a adotar formas da variedade padrão.

Outro estudo importante da segunda onda é o da própria Eckert (1989) que, ao analisar o comportamento de dois grupos de adolescentes oriundos de escolas no subúrbio de Detroit

(EUA), sustenta que a divisão observada entre os adolescentes das escolas analisadas reflete a estratificação social à qual os adultos estão imbricados. O comportamento e os desejos dos dois grupos – o grupo dos *Jocks*, associado à classe socioeconomicamente mais estabilizada (*middle class*) e o grupo dos *Burnouts*, associado à classe socioeconomicamente menos favorecida (*working class*) –, ainda segundo Eckert, revelam a dinâmica da comunidade em que os adolescentes estão inseridos, bem como estão relacionados ao sistema socioeconômico que rege as relações sociais.

Eckert (2012: 93) entende que os estudos da primeira e segunda ondas “se concentraram em categorias aparentemente estáticas de falantes e igualaram a identidade à afiliação de categoria”. Assim, continua a autora, o movimento principal da onda que sucedeu às duas primeiras – a terceira onda – seguiu na direção de conceber a variabilidade como um reflexo das identidades sociais e categorias as quais são orientadas para a prática linguística nos contextos em que os falantes se encontram inseridos, sendo variáveis – e, portanto, mutáveis – os significados sociais das variantes linguísticas (MENDES, 2017). Ainda segundo Eckert, a prática linguística é colocada em uso pelos falantes por meio da prática estilística, que, por sua vez, “envolve o compartilhamento de valores, perspectivas e identidades entre grupos de indivíduos que se delimitam e se reafirmam através de determinada prática linguística, ao mesmo tempo em que constroem e replicam essas práticas” (GOMES, 2017).

De acordo com as ondas propostas por Eckert (2012), as duas primeiras ondas se diferenciam da terceira em razão de aquelas terem como objetivo explicar a mudança e, por isso, focalizaram categorias estáticas que colocavam os falantes como agenciadores passivos da variabilidade encontrada na estrutura social. Por outro lado, os estudos da terceira onda, ainda conforme Eckert, não conceberiam os falantes como portadores passivos e estáveis de uma variedade, mas sim como agentes estilísticos, fazendo com que a variação seja compreendida como prática linguística no cenário social do qual os falantes participam.

No entanto, as evidências levantadas a partir de três experimentos em que foram medidas as reações perceptuais de indivíduos a três variáveis do Inglês falado no Sudeste do Reino Unido, levaram Levon (2018) a sustentar que é falsa a dicotomia entre as abordagens sistêmica (primeira e segunda onda) e idiossincrática (terceira onda), uma vez que, longe de ser assistemático, o significado emergente das práticas linguísticas de que o falante participa está sujeito à heterogeneidade ordenada observada socialmente. Assim, o autor sugere que, apesar de existir uma variabilidade perceptual na maneira como os ouvintes interpretam as variáveis testadas, os significados que emergem são fortemente correlacionados a componentes

específicos da história social e atitude dos ouvintes, bem como a demandas específicas das tarefas solicitadas e a contextos em que a variação acontece.

Gomes (2017) entende que o problema na proposta de Eckert estaria no fato de se considerar categorias macrossociais – classe social, por exemplo – como estáticas, além de se desvincular essas categorias da prática estilística dos falantes de um determinado grupo social. Em relação às categorias macrossociais e se detendo apenas no conceito de classe social, Gomes (op. cit.) defende, com base em Gurvitch (1982:169-177), que não se pode qualificar tal conceito como uma categoria estática e, ao mesmo tempo, não se pode desvincular a comunidade de prática de classe social, uma vez que as duas categorias se integram (GOMES, op.cit.:10). Da mesma forma, conforme a autora menciona, de acordo com Milroy (2002:10-11) não haveria contradição entre as noções de rede social e classe social, já que “não há independência entre a rede social de um indivíduo e as estruturas sociais, políticas e econômicas maiores que influenciam o comportamento do indivíduo”. Isto implica dizer, ainda segundo Gomes (op. cit.:11), que os indivíduos de uma determinada rede social precisam ser situados não só em sua própria classe, mas também em relação a outras redes que podem ser constituídas por indivíduos de outras classes.

De fato, parece haver, entre os estudos da terceira onda, uma tentativa de compreender o comportamento linguístico dos falantes apenas – ou sobretudo – a partir das relações por eles estabelecidas e, por conseguinte, a partir das práticas linguísticas que são desenvolvidas por meio de tais relações. Ocorre que, ao se engajar em uma prática linguística em uma determinada situação ou contexto social, o indivíduo não só manipula ou utiliza as variantes linguísticas para expressar determinada identidade que lhe seja mais interessante naquela prática linguística, mas também expressa sua identidade, a qual foi forjada socialmente e, portanto, estabelecida por meio de categorias macrossociais.

Podesva (2006) analisa a fala de um mesmo falante em duas situações interacionais distintas: o falante, no caso, é um médico e as situações interacionais observadas ocorrem (1) na clínica em que o falante trabalha como médico e (2) em um churrasco com amigos. Os resultados mostraram que o falante utilizava as variantes de diferentes variáveis de forma a projetar *personae* distintas e mais adequadas para cada situação interacional. Mendes (2017) entende que os resultados de Podesva (op. cit.) revelam algo de interesse central para os estudos sobre o significado social da variação: “enquanto falantes de uma variedade, empregamos múltiplos elementos linguísticos para veicular diferentes estilos de fala, os quais são socialmente significativos”. Porém, é preciso perguntar se as mesmas possibilidades para

expressar diferentes estilos de fala estariam à disposição de todos os indivíduos, independentemente de sua formação e posição social.

Decerto que a manipulação das variantes linguísticas e as possibilidades de se expressar de maneira diversa em práticas linguísticas distintas são permeadas pela formação dos indivíduos: quanto maior e mais plural for o acesso de uma pessoa às instituições e espaços formativos de maior prestígio social, maiores serão as possibilidades de projetar diferentes *personae* em diferentes contextos interacionais e, assim, expressar estilos diversos em práticas diversas. A influência das categorias macrossociais e a sua relevância para a construção do valor social da variação podem ser encobertas quando observamos indivíduos pertencentes a classes sociais próximas ou que compartilham – e projetam – valores sociais muito semelhantes. Assim, faz-se importante observar o comportamento de indivíduos com formações sociais distintas e que pertençam a classes sociais notadamente diferentes.

Para, de fato, ser possível entender o comportamento dos falantes como agentes da sua identidade social (terceira onda), é importante integrar os diferentes aspectos sociais que foram trabalhados pelos estudos sociolinguístico ao longo dos anos (primeira onda) e a dinâmica da interação do indivíduo dentro do espaço social (segunda onda). Ou, ainda nos termos de Schilling-Estes (2002), para a abordagem da variação estilística serão ainda necessários levantamentos variacionistas da padronização da variação linguística entre os grupos sociais, a fim de fornecer um pano de fundo para medir os padrões individuais. A concepção defendida neste trabalho difere da abordagem de ondas de Eckert (2012) e dos estudos que adotam essa abordagem, segundo os quais parece ser possível a construção de diferentes *personae* do indivíduo independentemente da sua identidade de classe ou do grau de sua inserção social.

2. A Amostra EJLA e as pesquisas a partir dela desenvolvidas

Conforme dito no final da seção anterior, é fundamental que os estudos sociolinguísticos incluam, cada vez mais, falantes cujos valores e formação sejam marcadamente diferentes daqueles que já foram exaustivamente observados. Nessa seção, será apresentado um perfil social dos indivíduos que compõe a Amostra EJLA e que participaram de um teste de percepção de formas linguísticas. Conforme poderá ser visto, os indivíduos em referência são excluídos socialmente e apresentam características bem diferentes daqueles falantes que constituem as amostras de fala do Rio de Janeiro. Ainda nesta seção, serão apresentados os resultados de um estudo com dados de produção obtidos a partir dessa amostra e de um subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000, os quais balizaram a elaboração de um teste de percepção realizado junto

a falantes com o mesmo perfil social dos falantes das amostras mencionadas. A intenção é conjugar dados de produção e percepção, para que sejam realizadas considerações mais sólidas acerca do debate sobre o valor social da variação.

Quem são os adolescentes da Amostra EJLA?

A Amostra EJLA, constituída entre os anos de 2008 e 2009, é composta por 14 (quatorze) indivíduos, sendo todos do sexo masculino, nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Essa amostra é constituída por adolescentes que se encontravam internados em uma unidade socioeducativa do estado do Rio de Janeiro. Os adolescentes que compõe a amostra tinham, à época das entrevistas, entre 14-20 anos e haviam cometido atos infracionais análogos a crimes. Em decorrência da gravidade do ato infracional praticado, foi decretada medida socioeducativa de internação, medida esta que pode, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), chegar a até 03 anos. Além de serem moradores de favelas da cidade do Rio de Janeiro, os adolescentes dessa amostra não tiveram acesso ao ensino formal e ao mercado formal de trabalho, bem como possuem vínculos afetivo-relacionais e referências de identificação muito frágeis. Assim, face à situação de vulnerabilidade social em que se encontram, não raro os falantes dessa amostra participam de facções criminosas com associação ao tráfico de drogas

Para que a amostra estivesse mais próxima ao uso dos falantes, os princípios metodológicos de Labov (1972) para entrevistas sociolinguísticas foram seguidos, fazendo com que os falantes se sentissem o mais à vontade possível, se esquecendo que estavam sendo observados. As gravações foram realizadas com um gravador digital, no interior da própria unidade socioeducativa onde os adolescentes estavam cumprindo a medida de internação. Cada entrevista tem duração entre 30 e 60 minutos.

Importante destacar que o fato de os adolescentes estarem sob a tutela do estado torna o acesso a eles mais complicado, tendo em vista que se faz necessário cumprir uma série de ritos burocráticos no sentido de conseguir autorização do Poder Judiciário para realizar as entrevistas. Igualmente complicado se torna o contato com os adolescentes, os quais demonstram, geralmente, certa desconfiança com a presença de uma pessoa que não lhes é conhecida. Assim, por se tratar de um grupo com características muito peculiares, foi importante que as entrevistas tivessem sido realizadas por alguém que tivesse certo grau de intimidade com os falantes em tela.

No ano de 2017, foi realizado ainda um teste de percepção junto a indivíduos com o mesmo perfil social dos indivíduos da Amostra EJLA, ou seja, adolescentes moradores de

favela e que cumpriam medida socioeducativa de internação na mesma unidade. O teste foi realizado com 12 adolescentes e se referia a duas variáveis linguísticas: as codas (s) e (r), as quais também foram investigadas nos dados de produção obtidos junto à Amostra EJLA. Assim como nas entrevistas para constituição da Amostra EJLA, o teste foi realizado na própria unidade após autorização do Poder Judiciário.

Como é a produção e percepção dos indivíduos da EJLA?

Alguns estudos com dados de produção espontânea levantados a partir das entrevistas que compõem a Amostra EJLA já foram realizados e levaram em consideração tanto variáveis fonológicas (MELO, 2012, 2017; GOMES et al, 2013), como morfossintáticas (GOMES, MELO e BARCELOS, 2017) e sintáticas (PINHEIRO, 2016). Para o presente trabalho, serão apresentados e discutidos os resultados de produção (MELO, 2012) e percepção (MELO, 2017) em relação à variação da coda (s). Será possível observar que os indivíduos da Amostra EJLA apresentam um comportamento bastante distinto daquele observado para falantes de outro grupo social, os quais são inseridos socialmente. Além dos estudos com dados de produção da coda (s), será também apresentado o resultado de um teste de percepção aplicado junto a adolescentes com o mesmo perfil social dos falantes da Amostra EJLA e referentes à mesma variável (MELO, 2017), a fim de que seja possível conjugar, para o debate acerca do significado social da variação, produção e percepção.

Conforme dito anteriormente, Melo (2012) analisou a variação da coda (s) – como em $me[z]mo \sim me[\zeta]mo \sim me[\gamma]mo \sim me[\text{f}]mo \sim me[\emptyset]mo$ –, a partir da comparação de dados de 08 (oito) falantes da Amostra EJLA³ e de 08 (oito) falantes de um subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000. Importante destacar que, muito embora os falantes selecionados a partir da Amostra Censo 2000 possam não apresentar exatamente as mesmas características socioeconômicas (renda familiar), é possível perceber o compartilhamento de características que os aproximam em termos sociais: todos os falantes selecionados tiveram acesso ao ensino formal, não eram moradores de favelas e, em sua maioria, atuavam no mercado formal de trabalho. Essas características podem ser tomadas como indicadores sociais e colocam os falantes deste subgrupo da Amostra Censo 2000 em um grupo social bem distinto daquele dos indivíduos da Amostra EJLA.

³ além de terem nascido na cidade do Rio de Janeiro, todos os falantes da Amostra EJLA selecionados para esse estudo eram filhos de pais que também haviam nascido na cidade do Rio de Janeiro.

Estudos anteriores sobre a variação da coda (s) apresentam a variante glotal como aquela menos realizada entre falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro com Ensino Fundamental e Médio (7% cf. SCHERRE & MACEDO, 2000) e Ensino Superior (1% cf. CALLOU & BRANDÃO, 2009). A Tabela 01 apresenta a distribuição das variantes da para as duas amostras em análise:

Tab. 1. Distribuição das variantes da coda (s) no subgrupo da Amostra CENSO 2000 e Amostra EJLA

	[ʃ] / [ʒ]	[s] / [z]	[h] / [ɦ]	∅
CENSO 2000	3949	1016	243	148
TOTAL = 5356	74%	19%	5%	3%
EJLA	1517	349	850	125
TOTAL = 2841	53%	12%	30%	4%

Fonte: Melo (2012: 68)

Os resultados obtidos para as duas amostras revelam que, enquanto os resultados com falantes do subgrupo da Amostra Censo 2000 replicaram a tendência já observada para a comunidade de fala, os resultados para os dados da amostra EJLA revelaram um comportamento muito diferente para os falantes dessa amostra: percentual de 30% de realização da fricativa glotal. Melo (2012: 71-77) observou ainda que os mesmos condicionamentos estruturais atuam para a realização da coda (s) tanto para o subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000, como para a Amostra EJLA, sendo a realização da variante glotal favorecida quando o contexto seguinte era constituído por uma consoante sonora, em itens menores e quando a coda não tinha status morfológico.

Ao analisar os itens lexicais mais frequentes nas duas amostras, Melo (2012) postulou haver diferentes direcionalidades para a variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. As diferentes direcionalidades apontam para o fato de a representação das palavras no léxico possuírem organizações/centralidades diferentes. Isto porque, apesar de serem observados os mesmos efeitos estruturais no condicionamento da variação da coda (s) nos dois grupos sociais, é possível perceber um comportamento bastante diferenciado dos falantes em relação ao uso das variantes em determinados itens lexicais, conforme se observa na Tabela 02 a seguir:

Tab. 2: Itens frequentes – CENSO 2000 X EJLA

ITENS	Censo 2000		EJLA	
	Apl/N	%	Apl/N	%
mas	32/461	6,9	65/144	45,13
mais	44/332	13,3	52/108	48,14
mesmo	41/279	14,7	113/127	89,0
nós	7/34	20,6	137/235	58,29
eles	8/234	3,4	23/124	21,30
às vezes⁴	0/141	0,0	81/85	95,3

Assumindo a hipótese dos Modelos Baseados no Uso, segundo a qual a variação tem status representacional e atua na modelagem dos níveis de representação (FOULKES E DOCHERTY, 2006; GOMES e SILVA, 2004; CRISTÓFARO-SILVA e GOMES, 2017), entendeu-se o comportamento diferenciado dos falantes em relação à produção de itens lexicais frequentes nas duas amostras como reflexo de diferentes organizações abstratas para estes itens: entre os indivíduos da amostra EJLA, alguns itens lexicais (*às vezes*, *mesmo* e *nós*) são produzidos majoritariamente ou quase categoricamente com a variante glotal por todos os indivíduos da amostra, ao passo que os mesmos itens são majoritariamente produzidos com a variante pós-alveolar pelos indivíduos do subgrupo da Censo 2000. Assim, Melo (2012: 97-98) postulou que a variante glotal constitui a representação central dos itens mais frequentes entre os indivíduos da EJLA e a variante pós-alveolar constitui a representação central dos mesmos itens entre os falantes do subgrupo da Amostra Censo 2000.

É certo que não é possível falar em “variação estilística” sem mencionar questões relativas à percepção/avaliação. Não é à toa que inúmeros trabalhos identificados à terceira onda se voltaram com maior intensidade aos estudos de percepção. Assim, diferentes trabalhos têm observado o comportamento/reação dos falantes tanto em relação a variáveis fonológicas quanto em relação a variáveis morfossintáticas, além de aspectos referentes ao detalhe fonético no reconhecimento de palavras em situação de *merge* (HAY, WARREN e DRAGER, 2006), na indexação de gênero (CLOPPER e PISONI, 2005) e status social. Embora, se comparados à produção, ainda haja menos trabalhos de percepção, já é possível observar um número

⁴ “às vezes” (análise da contração da preposição “a” com o artigo “as”): considerado como uma locução e analisado como um único item

considerável – e crescente – de estudos que se debruçam sobre a avaliação de formas linguísticas em uso pelos falantes e também sobre o impacto da variação no processamento da linguagem.

A fim de verificar se os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro com perfis sociais distintos compartilham ou não as mesmas avaliações acerca de duas variáveis – as codas (s) e (r) –, Melo (2017) aplicou um teste de percepção a três grupos de participantes: um dos grupos era composto por falantes da classe média-média e média-baixa, com nível superior incompleto (grupo UFRJ); os outros dois grupos eram constituídos por adolescentes da classe baixa, moradores de favelas, os quais foram representados por dois grupos de participantes: um dos grupos era composto por adolescentes com escolarização regular, vínculos familiares mais estáveis e que eram bolsistas em um curso para monitores de museu na Fundação Oswaldo Cruz (grupo Fiocruz); outro grupo composto por adolescentes com o mesmo perfil social observados nos falantes da Amostra EJLA, isto é, que cumpriam medida socioeducativa de internação na mesma instituição que os referidos falantes, sem escolarização regular, sem acesso ao mercado de trabalho, com vínculos familiares fragilizados e (grupo EJLA). Importante destacar que, a fim de atender aos objetivos do presente trabalho, serão apresentados apenas os resultados para a coda (s). Além disso, é preciso salientar que os participantes do grupo UFRJ foram escolhidos de maneira que fosse mapeada a avaliação de indivíduos com padrões sociais semelhantes ao subgrupo de falantes da amostra Censo 2000 analisado por Melo (2012), isto é, falantes da classe média-média e média-baixa.

As sentenças que integraram o teste de percepção foram gravadas ora com uma variante – fricativa pós-alveolar – ora com a outra – fricativa glotal – nos itens relevantes para ocorrência da variação. Cada participante ouviu 06 sentenças com uma variante e 06 com a outra variante, além de 06 sentenças distratoras. Duas listas de sentenças foram elaboradas: uma com apenas um item com a variável em análise e outra com dois itens que continham a variável em análise. Metade dos participantes de cada grupo ouviu apenas a lista com um item e a outra metade ouviu apenas a lista com dois itens. A elaboração das duas listas tinha como objetivo testar a hipótese aventada por Labov et al (2011), segundo a qual quanto mais formas com a variante de menor prestígio forem ouvidas, pior será a avaliação que o participante fará dessa mesma sentença. A Quadro 01 traz todas as sentenças que integraram o teste:

QUADRO 01. Lista de sentenças para o teste de avaliação de itens com o (s) em coda

1. Ele às vezes fica nervoso com facilidade.	1. Às vezes eu tomo meus remédios sem receita.
2. A menina queria mesmo sair de casa.	2. Às vezes o jornal dá várias notícias sem sentido.
3. Sempre depois do vento, vem a chuva.	3. Depois do show, nós vamos à praia.
4. Na aula de amanhã, nós vamos fazer prova.	4. O juiz não queria, mas decidiu contra o réu.
5. O ônibus dava várias voltas sem necessidade.	5. Nós não vemos Saulo desde o ano passado.
6. Ela precisava de dinheiro, mas não tinha a quem pedir.	6. Depois de muito tempo, o juiz disse a sentença.
7. Meus vizinhos sempre reclamam do barulho.	7. Meus livros surgiram atrás do armário.
8. José colocou a vassoura atrás da porta.	8. O mesmo carro deu várias voltas até parar.
9. Somente a fé em Deus move montanhas.	9. Desde ontem, João não teve mais vontade de sair do quarto.
10. Maria carregou os livros desde lá de baixo.	10. Deus nunca dá menos do que você deseja.
11. O réu aguardava a sentença do juiz na sala de audiência.	11. Deus me livre de ter menos dinheiro.
12. Quanto menos doce comer, mais saudável vai ficar.	12. O bom jogador corre atrás da bola mesmo quando está cansado.

Os estímulos foram apresentados utilizando o software *TP (Teste/Treinamento de Percepção)* – versão 3.1, com ordem aleatória dos estímulos. Todas as sentenças foram previamente gravadas por uma mesma falante do sexo feminino, com nível universitário. No momento de aplicação do teste, uma situação foi relatada aos participantes a fim de ambientá-los e indicar a tarefa do teste:

Você está em um hospital público, aguardando por uma consulta médica. Enquanto aguarda ser atendido, você ouve uma mulher dizendo algumas frases. Após ouvir cada frase, diga se ela foi produzida por uma médica do hospital, por uma técnica de enfermagem do hospital ou por uma auxiliar de serviços gerais.

A associação entre as variantes e profissões revela expectativas sociais que bem diferentes, uma vez que o valor social das profissões espelha também expectativas de formações

sociais distintas. Foram atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos participantes aos três perfis de profissões: o valor 01 foi atribuído ao perfil *médica*, o valor 02 foi atribuído ao perfil *auxiliar de enfermagem* e o valor 03 foi atribuído ao perfil *faxineira*. Dessa forma, quanto mais alto o valor atribuído a uma determinada variante, significava que houve mais associações com a profissão de *faxineira* e, conseqüentemente, com o perfil social de baixa escolaridade e de atividade profissional pouco valorizada. A soma dos valores atribuídos às respostas de todos os participantes revela o grau de estigma ou prestígio das variantes. Antes de passar os resultados, é importante sinalizar que, em relação ao número de estímulos por sentença, não houve diferença significativa que permitisse postular que a quantidade de itens é relevante para a avaliação das sentenças⁵. Por esse motivo, os resultados que serão apresentados a seguir fazem referência à diferença de avaliação das variantes, sem levar em consideração o número de itens com a variável por estímulo.

A Tabela 03 a seguir contém os resultados para o grau de estigma atribuído às variantes por grupo de participantes:

TABELA 03. Resultados: grau de estigma atribuído às variantes do (s) em coda

Grupos	Variantes	
	glotal	pós-alveolar
EJLA	75	78
Fiocruz	113	74
UFRJ	127	57
TOTAL	315	209

Fonte: Melo (2017:116)

Em relação aos índices observados na Tabela 03, em relação à pontuação geral obtida, percebe-se que houve uma maior associação das sentenças produzidas com a variante glotal ao perfil profissional menos prestigiado socialmente (*faxineira*), tendo sido a pontuação para estas sentenças (315) bem superior às sentenças produzidas com a fricativa alveolopalatal (209). Em relação à distribuição dos índices por grupo social, é possível observar que as sentenças não

⁵ A fim de verificar se havia associação entre as variáveis testadas, foram realizados testes de Qui-quadrado no Programa R: um p-valor acima de 0,050 indica que há associação entre as variáveis testadas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados como tendo significância estatística e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação/percepção das variáveis sociolinguísticas em questão. A significância da associação entre as variáveis testadas – ‘números de itens’ e ‘variante glotal’ – não nos permite dizer que a quantidade de itens foi relevante para a avaliação das sentenças, uma vez que o p-valor para essa associação foi de 0.1868.

foram bem avaliadas pelos participantes dos grupos UFRJ e Fiocruz (índices de 127 e 113, respectivamente) quando quando havia estímulo com a variante glotal⁶. Esses resultados colocam os participantes desses dois grupos bem próximos em termos de avaliação da variante glotal. Por outro lado, os índices atribuídos às duas variantes – glotal e pós-alveolar (respectivamente, 75 e 78) – pelos participantes do grupo EJLA indicam que esses participantes não avaliam de maneira diferente as variantes, tendo em vista que os índices atribuídos às duas variantes estão muito próximos. Assim, percebe-se que os adolescentes do grupo EJLA, em termos da avaliação da variante glotal, encontram-se afastados dos participantes dos outros dois grupos: os falantes com grau de escolaridade maior (e regular) avaliaram diferentemente as variantes da variável analisada, atribuindo estigma à variante menos produzida na comunidade de fala também pelos falantes mais escolarizados, isto é, à variante glotal. Essa avaliação não é compartilhada por falantes com menor grau de escolaridade e com pouca inserção social. Esses resultados evidenciam que as variantes são diferentemente avaliadas dentro da mesma comunidade de fala, por grupos sociais distintos.

Esses resultados apontam para uma complexidade ainda maior da avaliação das variáveis. Isto porque, apesar de compartilharem a mesma origem social (adolescentes moradores de favelas, classe baixa), os participantes do grupo Fiocruz se distanciam dos participantes do grupo EJLA e se aproximam bastante do grupo de participantes com nível universitário. Assim, é possível dizer que a avaliação das variantes é afetada pelo grau de inserção social dos indivíduos, isto é, por um conjunto de fatores que apontam para uma maior integração social dos indivíduos (grau escolarização, estabilidade de vínculos familiares, acesso a instituições de prestígio social entre outros). No caso em análise, os participantes do grupo Fiocruz têm um grau de inserção social bem superior àquele observado para os participantes do grupo EJLA (escolarização regular, sólidos vínculos familiares e acesso a uma reconhecida instituição pública de pesquisa).

Os resultados do teste de percepção, associados aos dados de produção pra indivíduos dos mesmos grupos sociais, parecem deixar claro que questões macrossociais atuam no comportamento dos indivíduos, ou seja, quanto maior a inserção social dos sujeitos, maiores serão as possibilidades de percepção – e, conseqüentemente, de expressão – de diferentes identidades em diferentes práticas linguísticas. Em outras palavras, diferentes formas

⁶ A fim de verificar se havia associação entre as variáveis testadas, foram realizados testes de Qui-quadrado no Programa R: um p-valor acima de 0,050 indica que há associação entre as variáveis testadas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados como tendo significância estatística e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação/percepção das variáveis sociolinguísticas em questão. A significância estatística das variáveis explicativas foi verificada através do teste de Qui-quadrado no Programa R e o p-valor para as variáveis ‘grupo social’ e ‘variantes’ é de 0.0009345, revelando que a associação entre elas é significativa.

linguísticas só podem ser avaliadas de maneiras diferentes se diferentes graus de prestígio associados às diferentes formas forem previamente conhecidos pelos falantes. E, neste sentido, é certo também que as formas linguísticas de prestígio são aquelas assumidas pelas instituições sociais responsáveis por eleger e difundir os valores sociais em uma dada comunidade. Não se trata apenas da percepção e expressão de identidades individuais em práticas linguísticas específicas, mas também de como a percepção e expressão são atravessadas por questões macrosociais, tais como a origem social do falante e seu processo de formação.

O acesso a espaços formativos e instituições de prestígio social, bem como a possibilidade de engajamento em práticas linguísticas que veiculam com maior intensidade formas linguísticas prestigiadas, aponta para diferentes graus de inserção social dos sujeitos dentro da hierarquia social. Conseqüentemente, diferentes encaminhamentos e formações resultam desse grau de inserção, impactando não só na relação dos sujeitos com o mundo que os cerca, mas também na forma como esses mesmos sujeitos organizam o seu conhecimento linguístico. Diante dos resultados apresentados, percebe-se que as mesmas possibilidades para expressar diferentes estilos de fala não estão à disposição de todos os indivíduos de uma mesma comunidade de fala, sendo ainda tais possibilidades resultantes da formação e posição social dos indivíduos. Dito de outra forma, não parece ser possível a construção de diferentes *personae* por parte de um indivíduo independentemente da sua origem e formação social.

Assim sendo, ao olhar para falantes que estejam à margem da hierarquia social e que tenham a sua formação distanciada dos valores sociais que circulam na sociedade, parece evidenciado que esses falantes – no caso, os indivíduos da EJLA – têm ao seu dispor muito menos possibilidades de reconhecer e, portanto, manipular as variantes linguísticas, “exercitar” ou projetar diferentes *personae*. Conforme se pôde depreender dos resultados do teste de percepção, os indivíduos excluídos socialmente não se identificam com as mesmas práticas discursivas que são disseminadas entre indivíduos com maior grau de inserção social e que projetam diferentes status e relações sociais.

Como vimos por meio dos resultados apresentados, a fricativa glotal é não só a variante menos produzida, como também estigmatizada entre os falantes mais escolarizados. No entanto, isso não significa que, em determinadas situações, um falante mais escolarizado realize – de maneira mais ou menos consciente – essa variante com maior frequência para que sua fala soe “mais espontânea”, “mais natural” ou, até mesmo, “menos formal”. Ocorre que, para isso acontecer, é necessário que o falante seja capaz de fazer avaliações distintas entre as variantes que são estigmatizadas e as variantes que não são estigmatizadas. E parece que essa possibilidade para perceber, avaliar e “escolher” o que produzir é socialmente relacionada com

o grau de inserção social do indivíduo, sendo determinada a partir do acesso deste mesmo indivíduo ao conjunto de valores que circulam amplamente na sociedade em que está inserido.

Considerações finais

No presente artigo, observou-se o comportamento de um grupo de indivíduos que pouco ou quase nunca integra as análises linguísticas da comunidade de fala do Rio de Janeiro: adolescentes excluídos socialmente. Os resultados apresentados ajudam a situar pontos importantes para o entendimento acerca do significado social da variação. Assim, a partir do comportamento de adolescentes excluídos socialmente, argumentou-se que se faz necessário incorporar aspectos macrosociais para o estudo do significado social da variação, aspectos esses que devem ser compreendidos ao lado de outros aspectos específicos de práticas linguísticas e situações interacionais de que os falantes participem. A comparação do comportamento de falantes que se encontram à margem da hierarquia social – e, portanto, completamente afastados dos valores de prestígio que circulam em diferentes espaços formativos – com outros falantes socialmente inseridos mostra que não é possível descartar origem social dos indivíduos, focalizando apenas numa construção identitária de ressignificação restrita a determinados contextos interacionais.

REFERÊNCIAS

CLOPPER, Cynthia G, CONREY, Bryanna, PISONI, David. B. “Effects of talker gender on dialect categorization”. *Journal of Language and Social Psychology*. p. 182–206. 2005.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina A. Variação linguística: antiga questão e novas perspectivas. *Linguagem*, Amapá, v. 1, n. 2, p. 31-41, 2004.

_____. Teoria de Exemplos. HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (org) *Fonologia, fonologias: uma introdução* São Paulo: Contexto, 2017, p. 157-168.

ECKERT, P. (1989). *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*. New York: Teach. Coll. Press.

_____. (2012). Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, 41, 87-100.

FOULKES, P. & DOCHERTY, G. J. The social life of phonetics and phonology. *Journal of Phonetics*, 34: 151-167, 2006.

GOMES, C. A. Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Português Brasileiro. *Diacrítica*, v. 31, p. 5-24, 2017.

GOMES, C. A.; MESQUITA, C.; FAGUNDES, T. S. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Diacrítica*, vol. 27, n.1, 2013.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. S. L.; BARCELLOS, M. E. M. Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 14, 2016, p. 127-143.

GURVITCH, G. *As classes sociais*. São Paulo: Global Editora, 1982.

HAY, J.; WARREN, P.; RAGER, K. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. *Journal of Phonetics*, 34(4), p.458-484. 2006.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. Padrões Sociolinguísticos. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEVON, E. The Systematicity of Emergent Meaning. Plenary talk at New Ways of Analyzing Variation47, University of New York, 2018.

MELO, M. A. S. L. de. Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012 Dissertação (Mestrado) UFRJ, Faculdade de Letras, 2012.

_____. Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-123.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell, 1987.

PINHEIRO, A. F. C.. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. *Linguística Rio*, v. 2, p. 50-60, 2016.

PODESVA, R. J. *Phonetic detail in sociolinguistic variation: Its linguistic significance and role in the construction of social meaning*. PhD dissertation. Stanford University, 2006.

SCHILLING-ESTER, N. Investigating Stylistic Variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishing, p. 573-597, 2002.